Ano 1.º — N.º 29

Guimarães, 21 de Outubro de 1916

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE
— DO —
Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Liceu Nacional de Guimarães

Abertura solene do ano lectivo de 1916-1917

Brilhantissima alocução

proferida pelo Ex.mo Reitor Sr. José de Pina

Ex.mos Colegas, jovens académicos,

Meus Senhores:

Seguindo a praxe estabelecida nêste Liceu, e no ardente desejo de cumprir a doutrina da Lei que rege os serviços da Instrução Secundária, mais uma vez, e nêste mesmo lugar, tenho a honra de presidir a uma sessão inaugural, a que dá realce a assistência de insignes professores, de briosos académicos e de mais cidadãos, a qual me é deveras penhorante.

Esta sessão, tão singela na forma que o meu fraco espirito lhe insufla, como altamente significativa no conceito que a envolve, correndo a vista pelo passado, tem, para nós, professores que em 1896 inauguravamos as primeiras aulas do Seminário Liceu de Guimarães, a mais grata lembrança de enternecido orgulho, e para os povos dêste concelho a mais viva impressão de entusiasmo provocado pelo estabelecimento, nesta cidade, dum instituto de ensino secundário, ainda que sem favor do Estado.

Realizada esta aspiração suprema dos vimaranenses, surgia o sacrifício dos enfraquecidos cofres municipais e dos rendimentos acumulados com carinho, durante séculos, pelo Cabido da extinta Colegiada.

A pobreza aliada à energia, em breve dissipavam tôdas as dificuldades sugeridas.

Criado o Liceu, precisamente há 20 anos, a breve trecho correspondia às aspirações de tôdos e sabia manter-se, serenamente, com desassombro, na fôrça da sua acção justa, disciplinada e criteriosa, que lhe grangeou a confiança das repartições superiores, e o aumento inesperado da freqüência que para êle convergiu de tôdas as províncias do País.

Muitas gerações académicas passaram já, umas após outras, pelos bancos destas aulas para a conquista do saber, que deu excelentes ornamentos do magistério superior e secundário, do exército, do clero, da medicina, da advocacia, do funcionalismo, etc. E' que nesta acção patriótica, por felicidade dêste Liceu e desta terra, prosseguem intrépidos, na sua já longa peregrinação de mestres consagrados, espíritos esclarecidos, entusiastas e crentes na sã educação da juventude escolar.

Fortalecidos pela experiência e pelo saber, numa proficientíssima vida de magistério que muito dignifica a classe de que fazem parte e o liceu que servem, encontrei-os sempre, a tôdos, irmanados numa inexcedível dedicação, numa lial camaradagem e na mais franca e desinteressada cooperação no bom nome do Liceu, ao qual têm votado tôdas as suas excelsas qualidades de talento, de trabalho, de ordem e de bondade.

E' devido a esta eficaz influência moral e intelectual de verdadeiros sacrificados à causa da instrução que me não sofre o ânimo deixar de testemunhar-lhes, bem publicamente, a minha mais grata veneração e os meus mais francos agradecimentos, quer na qualidade de Reitor do Liceu, quer na qualidade de filho desta nobre terra de Guimarães.

Por felicidade dêste Liceu, volta a dizer que, no ano lectivo findo e no presente, novos professores, orientados nos mesmos sentimentos e dedicação pelo ensino, encontraram aqui a confiança e a fôrça de que careciam para a regência proficiente das disciplinas que lhes fôram distribuídas.

Por isso, pelas excelentes qualidades de espírito que possuem, recebam suas Excelências as mais vivas felicitações.

Académicos:

Vós, que sorris descuidados e ditosos na inocência da juventude, aceitai as minhas mais afectuosas saudações pelos louros já colhidos nos vossos trabalhos escolares e aceitai-as também pela confraternização amiga que tiveste e haveis de continuar a ter para com os vossos condiscípulos, sem nunca esquecerdes a encantadora generosidade que sempre dispensastes àquêles a quem a desventura tanto atormenta e consome.

Afastai, jovens académicos, para bem longe da vossa companhia, como o maior inimigo, tôdo aquêle que vos convide à prática de actos indignos e tente aproveitar-vos para, no mesmo pelourinho ignominiôso, se justificar das suas loucuras com a vossa cumplicidade.

Fugi sempre de tais amigos para que com maus conselhos vos não induzam a inexperiência a faltar aos deveres de estudante, e à prodigalidade de dinheiros que alimentam vícios condenáveis e prejudicialíssimos à vida futura.

Estas plantas daninhas, que invadem todos os agrupamentos, são, no fôro liceal, expungidos pelos castigos disciplinares que, dispostos numa escala progressiva, irão até à expulsão do delinqüente de todos os Liceus do País, com perda de direito de admissão a exame, ainda como extranho e isto independentemente de qualquer processo crime. Todavia, não é só da nossa jurisdição fazer imperar as condições para a completa realização dos fins do ensino e dispensar cuidados e desvelos para com aquêles de quem depende àmanhã a sorte do País e a felicidade da família.

Meus Senhores:

Se a educação está para o homem como a cultura para o campo, desbravemos, sem cessar, os corações e os cérebros da mocidade, e lancemos-lhe, com paciência e firmeza, a semente bemdita do amôr.

Do mesmo modo, disse o nosso ex-colega, D. José L. de Faria: «O campo abandonado por muito tempo à exuberância excessiva de uma vegetação expontânea se torna estéril e improdutivo, assim também o homem, não se aplicando ás suas racionais faculdades, logo desde o alvorecer do dia da existencia, numa cultura esmerada, começa a dar em seu seio, ainda tenro, abundante pablo ás raizes daninhas dos vícios, que prestes lhe enervam e inobilitam as tendências originais.

Então a naturesa definha, degenera, e o homem começa a viver uma vida meramente animal.

Não pensa, não raciocina, não tem sentimentos elevados, nem concebe aspirações nobres: vegeta apenas».

Empreguemos pois, dentro do nosso árduo mas nobre mistér, as deligências possiveis para que os educandos de hoje sejam os bons educadores de àmanhã, os futuros apóstolos do renascimento da Pátria Portuguêsa.

E se para isso precisassemos de conhecer a opinião dum eminente pedagogista, êle nos diria:

«Nada nos impede de crêr que as nações, por um trabalho que a sciencia hoje permite tornar consciente, possam readquirir o vigor da mocidade, libertando pouco a pouco as novas gerações da influência de todas as causas que as fizeram decaír. Extinguem-se as nações quando a imprevidência lhes não permite resistir às influências mórbidas que as depravam fisica, moral e intelectualmente.

Urge, para evitar os perigos que nos cercam, que estudemos bem o nosso estado de energia nacional, que, conhecidos a fundo os males que nos oprimem, busquemos os remédios próprios para os debelar, que determinemos claramente quais os elementos de vida que possuimos e tentemos fomentá-los.»

As instruções superiores e as advertências da reitoria teem apelado, por vezes, para o entendimento perseverante que deve haver entre os pais, tutores e encarregados da educação dos alunos com as auctoridades escolares; mas, deplorávelmente, tem sido frustados todos os esforços ao nosso alcance para conseguirmos da grande maioria dos interessados um conjunto harmonioso de dedicações na engrenagem desta máquina da instrução e educação, cujos movimentos se operam, apenas, pelas energias do corpo docente liceal.

E porquê, similhante abandono, se o próprio regulamento de instrução média, prevendo o perigo a que constantemente estão expostos os alunos, facilita as relações que devem existir entre o Liceu e a família? Não sabemos.

Talvez a declinação de uma raça alquebrada pelo desregramento de muitos anos; talvez o já tradicionalíssimo e nefasto processo da pretenção final na conquista de exames e diplomas, para empregos públicos de remuneração deprimente, sem o mínimo interêsse pelo saber e pela independência de carácter, seja a causa inexplicável do mal que até hoje tem reagido a toda e qualquer medida de repressão. Estas duas qualidades, forças ingentes para a luta na vida moderna, são infelizmente, nestes dias de subserviência, coisas mínimas para os pais e tutores dos alunos.

Meus Senhores:

Neste momento, que para nós é duplamente solene, porque esta casa readquire a alegria e a vida ao receber para o novo ano lectivo a esperançosa mocidade, e porque uma conflagração mundial assoberba lançar o alquebrado Portugal na luta maior, no furacão mais devastador, no flagelo mais monstruoso e sangrento que a história arquiva, não sei, meus senhores, se deva continuar nas considerações que para esta sessão vem a propósito, relativamente a instrução, se me deva calar pelo desalento que invade a alma na visão da guerra.

Este meu desalento, filho dum coração que sofre pelo sofrer da humanidade, converter-se ia, briosos académicos, no mais quente e vibrante entusiasmo, até mesmo ao esgotamento da minha última gota de sangue, se a nossa querida Pátria fôsse atrevidamente invadida pelo mais poderoso inimigo que tal ousasse, tentando dominá-la pela fôrça.

Tratadas com vigor e carinho as teorias humanitárias e ainda utópicas dos filosófos idealistas, sociabilisando os povos, prégando o desarmamento geral, surgem, como afronta, milhões de variadíssimos engenhos da morte, a desafiarem as futuras gerações que muito desejariam a paz e o progresso.

. . . . . .

Apoz estas palavras sombrias, que estão no pensamento de tôdos os portuguêses, considero abertas de par a par as portas das aulas para o início e proseguimento do ano escolar de 1916 a 1917. No entanto, para terminar, lembro aos alunos o respeito e reconhecimento que devem aos seus ilustres professores e a estima que devem votar aos seus companheiros e condiscípulos, para vermos na fachada do liceu a palavra Felicidade!

A mulher despretenciosa é rara como a flor de Lotus, que de cem em cem anos uma só vez floresce.

ANTOLOGIA

A trigueirinha

Quem a visse nêsse dia
Descer sósinha a ladeira,
Na relva que ali havia
Sentar-se a linda trigueira,
Quem a visse os negros olhos
Fitar ao longo da estrada,
Ageitar depois os folhos
Da sua manga rendada;

Quem a visse scismadora
Mostrando um vago receio,
Quem a visse tentadora,
O peito arfar-lhe em anceio;
Dizia:— A linda morêna
De vestido azul, riscado,
Por esta tarde serêna
Espera o seu namorado.

E se alguem ali passasse
Ao signal d'Avé-Maria
E a trigueirinha avistasse
Indo triste vê-la-ia.
Levantou-se na alamêda
Outra vez fitou a estrada...
Foi triste e vinha tão lêda,
Foi lenta e vinha apressada!

Em casa sentou-se à mêsa
Tirou do bôlso a carteira,
Escreveu: «Que esta tristeza
Me não vá ser agoireira!
Ele às horas sempre vinha...
Era êle quem me esperava!...»
Dias mais e a trigueirinha
Nada escrevia, chorava.

1879.

OUTEIRO RIBEIRO.

VARIA

Eleições municipais

Bem andou o govêrno mandando convocar os colégios eleitorais para as eleições administrativas, que devem realizar-se no já proximo dia 5 de novembro.

E' a mobilização por certo um embaraço, como dificil a conjuntura presente. Mas para tôdos, afinal, tanto para os democráticos e evolucionistas, como para os unionistas, socialistas e católicos; e a atmosféra de apreënsões em que vivemos se, por certo, se ha de fazer sentir no acto eleitoral, pode ainda assim arejar-se dêsde que cada um, compenetrado dos seus deveres de cidadão, evitando perturbações desastradas pela sua repercussão e conseqüências morais internas e externas, proceda com aquela dignidade fundamental dum homem livre e honrado.

Em qualquer caso, segundo o nosso modo de ver, muito peor seria a conservação das câmaras actuais, que forçadamente haviamos de aguentar não se fazendo eleições. Pudiam ser, em tôda a

parte, um modelo, desagradariam, porem, porque eram impostas e, se a ditadura dos govêrnos é contrária aos sentimentos predominantes, a administrativa torna-se verdadeiramente insuportavel e odiosa, muito especialmente para quem, como os portuguêses, tem arreigadas e caracteristicas tradições de vida municipal.

O papel das oposições é barafustar contra quem tem cão e quem o não tem e porque o tem ou não tem... e ninguem dirá que, intrépidos meridionais, os nossos oposicionistas não desempenham galharda e excelentemente a caceteiral profissão.

E então, se o govêrno atendesse apenas ás suas comodidades políticas, abstendo-se por agora de eleições, é que os haviamos de ver em grita descomposta, zabumbando a ária da tirania demagogica, fervendo em apopletica cachoeira pela libertação dos municipios escravizados.

Decidiu-se acertadamente o govêrno pelo cumprimento da lei: Vão abrir-se as urnas e os povos puderão lutar pelos superiores interesses das suas pequeninas patrias que formam a Patria comum.

Nos municipios, como nos govêrnos, a instabilidade é um êrro. Ordinariamente, entre nós, ha muitos anos, na monarquia ontem e na Republica hoje, os ministros caem precisamente quando o conhecimento dos negocios os tornava aptos para a respectiva gerencia e o estudo reflectido e prático os habilitava á apresentação de medidas. Daí a falta de um plano seguro e duma obra continua e eficaz, a elaboração de afogadilho de projectos de aparencias vistosas mas inconsistentes, irrealizáveis, a extraordinária confusão das nossas leis, que são ás centênas e aos milhares, condenadas, porem, muitas a não se cumprirem, elemento êste que muito desastradamente tem contribuido para a nossa bem conhecida falta de educação cívica.

Assim nas câmaras. A Republica insuflou um espirito novo de iniciativas e melhoramentos e por tôdo o país se nota um movimento entusiastico de obras, havendo-se transformado cidades por muito tempo esquecidas numa modorra apatica, umas vezes com criterio, outras atabalhoada, impetuosamente. Mas aqui tambem para que uns não escangalhem o que os outros começaram, é indispensável a continuidade de vistas e de realizações, a convergência metódica de esforços. Tem que atender-se, porem, a outras necessidades que impõem a renovação periódica das vereações municipais, como a de satisfazer justas aspirações de certas freguesias que querem ser representadas ou de determinados individuos, que reunem boas condições para honrarem aquêles lugares, e ainda a de contentar as várias correntes de opinião até dum mesmo partido. Somos assim aconselhados á reeleição, por um lado, ao ingresso de novos elementos, por outro.

A nossa atitude de republicanos deve ser, nestas eleições, a mesma de sempre — lutar energicamente pela representação do partido, que á cidade e concelho tem prestado bons serviços realizando uma administração progressiva e honesta, em tudo digna das nossas melhores tradições, e pela defesa da Republica auxiliando aqueloutros republicanos que comnosco partilham das responsabilidades da hora presente.

*

Eu fui o que disse ao sol
que não tornasse a nascer:
á vista dêsses teus olhos,
que vem o sol cá fazer?

O destino da Austria

Os Hungaros, ao apêlo de Kossuth, proclamavam a sua independencia; os Italianos reclamavam-na com o pápa e o rei da Sardenha, os Tcheques insurgiam-se. Uma segunda revolução expulsava o imperador da capital, emquanto em Francort os patriotas alemães ofereciam ao rei da Prussia Frederico-Guilherme IV a coroa dum nôvo império germanico. O império dos Habsbourg afundava-se, o império dos Hohenzollern ia nascer.

Nunca uma crise tão grave perturbara a monarquia dos Habsbourg. Nêsse momento, com mão energica, o principe de Schwarzenberg escorou-a, obrigando Frederico II a abdicar para a conservar a um môço de dezoito anos, o actual imperador, Francisco-José, a 2 de dezembro de 1848. E foi, nesta historia, um milagre mais surpreëndente ainda que o de 1810, pois que tal reino, hoje ainda, depois de setenta anos, ainda não acabou. Schwarzenberg, que morreu em pleno triunfo quatro anos depois, não empregara na obra somente a fôrça. Serviram-no o calculo e a intriga. Soube persuadir então o tzar Nicolau I de que teria honra e proveito em esmagar os hungaros revoltados contra a Austria, capazes de arrastar na sua revolta os Polonios. O exêrcito de Paskievich reconduzira Kossuth e Giorgey ao jugo dos Habsbourg e restabelecera a unidade do império. Pouco tempo depois, a mesma diplomacia avisada e activa do ministro austriaco alarmava os soberanos da Alemanha contra os progressos da Prussia, favorecidos pelos subditos patriotas e liberais; tendo isolado Frederico-Guilherme IV, obrigava-o a humilhar-se em Olmutz (27 de novembro de 1850) diante da fortuna do seu novo senhor.

Este, encorajado por tão prodigiosos exitos, como seus antepassados, ambicionava desde 1854, certas conquistas para as quais teve oportunidade durante a guerra da Crimea. Bela ocasião na verdade, a de encontrar tôda a Europa ligada pelos homens de Estado inglêses contra o tzar Nicolau!

De Londres solicitavam Francisco-José; de Paris ameaçavam-no tambem de desencadear contra êle Victor-Manuel e os Italianos. Lançava olhares de cubiça sôbre as provincias roumenas, que o conde de Buol convidara o tzar a evacuar. Uma tal ganância valia bem que Francisco-José «espantasse o mundo pela sua ingratidão.»

Sem Bismarck, talvez o golpe acertasse. Já com bastante influência em Berlim e resolvido a preparar a desforra de Olmutz, decidiu o rei da Prussia, em outubro de 1844, a declarar-se pronto a intervir, pela fôrça se tanto fôsse necessário, contra os projectos ambiciosos dos Habsbourg. A Prussia pôs um freio á sua ofensiva e reduziu-os a uma neutralidade que lhes custou caro. Napoleão III, obrigado a empregar em Crimêa as tropas sardas que Cavour se apressava a oferecer-lhe, pagou Victor-Manuel dêste auxílio ajudando-o contra a Austria, o que valeu a Francisco-José a pêrda da Lombardia.

Então abriu-se para a Austria a série dos anos negros, depois de desfeitos os seus ambiciosos sonhos. Aquela Italia, em cuja conquista se obstinara dêsde o principio do século, que lhe tinha custado, de 1796 a 1815, tantos esforços, derrotas, ia escapar-lhe definitivamente pelas vitórias francêsas de Magenta e de Solferino, e mais ainda, em 1866, apesar das suas vitórias de Lissa e Custozza.

E' verdade que para dar ao arqui-duque Carlos êste exito inutil, Francisco-José tinha obrigado o general Benedek, que o havia preparado, a deixar-se vencer, não obstante as suas suplicas, e proibindo-lhe que se queixasse, em Sadowa pelos exercitos da Prussia.

Nos conselhos dos Habsbourg, o interesse da dinastia justificava tudo: a ingratidão para com o tzar, como o sacrificio de Benedek. A dinastia, comtudo, em 1866, perdia não só a Italia, mas a Alemanha: o Norte onde os Hohenzollern se instalaram vitoriosamente; o proprio Sul que tinham ligado por convenções militares e economicas.

Para prevenir as conseqüências proximas da derrota de Sadowa, com a esperança talvez duma revindicta, Francisco José, então aconselhado pelos rancores de Beust contra Bismarck, recorreu á diplomacia mais realista que, por tantas vezes, ensinara á sua casa as reviravoltas da fortuna. Esqueceu as revoltas dos Hungaros; Francisco Deak e Kossulth esqueceram os castigos crueis infligidos em 1850 aos seus compatriotas para obterem o que Francisco José lhes oferecia, uma espécie de partilha dos seus dominios entre os germanos e Magyares, o regime dualista da monarquia austro-hungara, favorável ao orgulho e ás pretensões dos patricios hungaros. Tambem se esqueceria então o mesmo Habsbourg de que a Napoleão III e a Victor-Manuel devia a pêrda da Italia, se êles consentissem a unir-se comsigo para contrariar o avanço dos Hohenzollern. Em setembro de 1869, trocava com êles cartas imperiais e reais. O tratado que lhes oferecia seria mesmo assinado se Napoleão III consentisse em ceder aos Italianos Roma que Francisco José lhe daria de bom grado.

Emile Bourgeois

Professor de Historia Diplomatica na Sorbonne

(Continua.)

BEIJOS... BEIJOS...

(Lição d'amor)

—Não, assim não. Abre um pouco a bôca, deixa que os meus lábios encontrem os teus dentes alvos e humidos e a pontinha da tua lingua rubra. Esse é que é o delicioso beijo dos que amam.

—E os outros?...

—Os outros?... Exceptuados os do amor materno ou paterno, são os beijos da amizade, os convencionais, os beijos frios, que não transmitem a alma.

—Porque?

—Porque não procuram a bôca; dão-se na testa, na face, no mento, nas palpebras, nas mãos, nos pontos em que a sensibilidade é mais apagada e onde não ha porta por onde a alma entre.

—Mas, tu me disseste que a alma entrava pelos olhos.

—Sim, primeiro, num simples reconhecimento, donde regressa logo. Mas, depois, para ficar, para tomar posse, para se entrelaçar à companheira amada e apetecida, é preciso que entre pela bôca. São os lábios que a levam, são outros lábios que as recebem, é a bôca que a deixa entrar francamente, dando lhe carinhôso agasalho.

—Então, queres...

—Quero, mas não me ofereças os teus lábios assim, cerrados, apinhados num bico duro e franzido. Olha para aquêles pombos e vê como êles se beijam. Os biquinhos abrem-se, e as linguas encontram-se, repara.

Ela olhou e viu na cornija da casa fronteira um casal de pombos brancos que se beijavam, arrulhando em surdina.

—Nunca, nunca me deram um beijo assim.

—Delicioso! E' por isso mesmo que eu te amo mais e quero ser o primeiro a ensinar-te os mistérios do amor.

—E quem t'os ensinou?

—A grande mestra, a natureza.

Ela ficou um instante silenciosa, a olhar para os pombos. Subito, sem desviar os olhos das aves, que se beijavam ainda, exclamou:

—Mas, não pode ser sempre assim.

—Não; o primeiro beijo, o que faz vibrar a alma com mais intensidade talvez, sem a desalojar todavia, quem o dá é a mão.

Quando duas mãos se encontram, ou uma beija a outra, ou as duas se beijam logo. No primeiro caso, uma alma vibra, no segundo, vibram as duas.

—Depois?

—Depois... depois, são os lábios.

—E os olhos?

—Os olhos riem, os olhos convidam, os olhos permitem ou negam a entrada da alma, mas não se beijam, porque a essencia do beijo está no contacto e os olhos não se tocam.

—Então, queres...

—Quero, quero ter êsse gôso inolvidável de transmitir-te a minha alma e de receber a tua. Para que uma alma entre, é preciso que uma porta se abra.

Quando as flores amam, abrem as corolas para que o polen apague o pistilo. Vamos, abre os teus lábios mimosos num sorriso divino e deixa que os meus lábios procurem os teus dentes alvissimos...

—Assim?

—Quasi. Ainda ha timidez nêsse riso e uma certa dureza nos lábios. Deixa que êles fiquem flacidos, que se entreguem ao abandôno, cheios de confiança...

—Assim?...

—Precisamente.

E não se ouviu o ruido do beijo vulgar, chuchaneado, indiscreto, que assusta a alma e nada deixa entrar. Foi como que um murmurio de prece, um cício de brisa, no comêço, depois o silencio. Viram-se braços que se levantaram maquinalmente e peitos que se estreitaram num amplexo longo. Flanavam azas brancas por cima. Eram os pombos que já haviam dado a sua lição de amor e que assistiam curiosos á transmissão das almas, não pelos olhos, que estavam fechados, mas pelas bôcas, que se uniam abertas.

GARCIA REDONDO,
(da Academia Brazileira)

Primeiros cuidados da terapeutica de guerra

Tratamento aseptico e antiseptico das feridas (a

O medico que se encontra em presença duma ferida de guerra deve ter sempre presente ao espírito o aforismo do professor *Pozzi:* «Para as feridas asepticas, a asèpsia; para as feridas antisepticas, a antisèpsia.»

Ha feridas asepticas. A 13 de outubro de 1914, *M. Lucien Picqué* comunicou á Academia de Medicina que em 54 feridos, 24 chegavam num estado absoluto de asepsia.

Os casos asepticos são em geral ferimentos produzidos por balas de espingarda, com ou sem fracturas.

Se ha dois orificios (ferida em sedenho) o caso é simples, impõi-se a abstenção mais rigorosa, aplica-se um penso aseptico, raramente renovado. Trata-se, com efeito, de preservar, sem demora, a ferida de qualquer influencia nociva, do frio, dos contactos perigosos.

Se ha apenas um orificio, se o projectil ficou nos membros, *M. Picqué* concordando com a opinião de *M. Delorme*, crê que na maior parte dos casos é preferivel a abstenção da procura preventiva de corpos estranhos metalicos, porque o maior numero de vezes é inutil.

O *Dr. Témoin*, de Bourges, segue o mesmo processo. Deixa as balas tranquilas, julga inutil provocar a supuração. Ha tempo, mais tarde, para intervir, se fôr necessário ou útil. Viu feridas não só dos membros, mas do torax e do abdomen (feridas obliquas ou transversais) curadas com um simples penso aseptico.

M. Roland Sorel, partidário tambem do minimo de intervenção, aconselha uma simples gaze permitindo ao sol e ao ar exercer a sua acção benéfica. Pretende tratar os feridos como os tisicos: pela cura do ar.

Não seria preciso acrescentar que os acessórios do penso devem

ser rigorosamente esterilizados e que não deve tocar-se a ferida se não com um instrumento desinfectado á chama ou um dedo de luva esterilizado.

O médico-inspector *Chavannes* não receou, sôb êste ponto, entrar em minuciosas recomendações: não pousar os instrumentos sôbre moveis suspeitos, não deixar abertas as caixas dos pensos, conservar a sala num estado de limpêsa rigorosa, etc. (Instrução sôbre o *Tratamento das feridas pelas armas de fôgo).*

*

Muitas vezes aparecem ferimentos infectados quer pelo próprio projectil (estilhaço de obús), ou pelos restos do vestuário, ou pelas particulas de terra que arrastam, quer em conseqüência de condições nocivas de ambiente e de transporte, quer sobretudo porque o ferido não foi logo pensado. O enfraquecimento fisico e a depressão moral favorecem o processo de infecção.

Se a infecção está mesmo em principio, casos ha em que importa descobri-la, com relativa facilidade se pode cortar com uma boa lavagem em que a antisèpsia se associa a algumas manobras operatórias indispensáveis.

A que antiseptico dar a preferência? As opiniões divergem.

O permanganato de potassio a 1|1000, o acido fénico a 2|100, o eter, o alcool, o sublimado (1|4 a 1|1000) dão resultado em certos casos e noutros causam dano. Numa memória lida recentemente á Academia das Sciencias, *Cazin* e *Krongold* deram conhecimento da actividade de diversos antisepticos sôbre tal ou tal espécie microbiana.

A solução de nitrato de prata a 1|200.000 (método de *Danysh)* prova admiravelmente contra o bacilo piociánico e os staphilococos; a agua de Javel, a 15|00, age eficazmente nas feridas infectadas pelos anaerobios, o sôro de *Vallée* é recomendado nas supurações do staphilococo em que os hipocloridos se mostram impotentes, e o formol e o sulfato de cobre 50|00 são especificos nas feridas infectadas pelas micoses.

Das Ruas, Praças e Rocios da Villa de Guimaraens

(Continuação)

Desta torre dos Caens continuão 262 passos de muralha da mesma altura, e fórma da primeira, até topar na torre da Senhora da Guia que vulgarmente chamão do Campo da Feira.

Tapa, e defende esta torre a porta da muralha, que chamão do Postigo, por onde tem para fòra della a sua serventia a rua do seu nome.

Faz esta torre frente ao Sul, e encostada a ella na parte de dentro para o Poente está huma Capella da mesma Senhora, que lhe deu o nome.

Correm desta torre do Campo da Feira para a que chamão torre velha (que faz tambem frente ao Sul) 360 passos: he toda fechada sem porta, e no alto della junto às ameyas, de que he coroada, tem hum nicho, que recolhe huma imagem de S. Francisco, por estar defronte della o seu Convento em distancia de 140 passos. Tem a torre velha distancia de muralha até á torre, que chamão da Alfandega, fechada sem serventia, (que tambem faz frente ao Sul) 340 passos e no meyo desta muralha está a porta da torre velha, para onde tem a sua sahida para fóra della a rua nova do Muro, e a de Alcobaça; para cima desta muralha tem serventia todas as casas, que estão encostadas a ella da rua do Anjo. Encostadas na frente desta torre para o Sul estão humas casas, que tem logeas de tendas, e na face das mesma torre para Nascente estão outras casas, que fabríca, e aluga a Camara daquella Villa.

Do canto das paredes da frente destas casas continúa para o Nascente hum Rocio fechado com o muro, em que estão encostados os açougues, e as casas da rua do Anjo, e da parte do Sul com huma parede, e no meyo della huma porta grande da serventia deste Rocio, e sobre ella no alto da parede hum remate com hum escudo das Armas Reaes pintadas, e douradas entre duas piramides de pedra, e sobre a Coroa Real das Armas outra piramide, e todas douradas, e pintadas. Encostada a esta parede corre uma alpendrada, que da outra parte se sustenta em columnas de pedra, e debaixo della estão varias tendas. Do canto desta alpendrada até o muro pela parte do Nascente fecha este Rocio outra parede com porta de serventia delle. Tem este Rocio dentro de si huma rua de casas terreiras, humas dellas são dadas pela Camara a pessoas, que se obrigão a venderem naquelle lugar toda a qualidade de peixe fresco, e seco: outras a quem nellas vende toda a casta de pão em grão: e outras servem de recolher as fazendas, que vem de fóra a vender-se neste lugar.

Encostado à parede desta torre da parte de entre o Poente, e Norte está um tanque de huma sò bica de agua, onde bebem as bestas.

Desta torre da Alfandega continuando para a parte de entre o Poente, e Norte 200 passos de muro, se encontra com a torre de S. Domingos, sendo o seu proprio nome da Senhora da Piedade: serve de defensa, e guarda à porta da muralha do seu mesmo nome, por onde tem serventia para fóra dos muros as pessoas, que vem da rua Sapateira, terreiro da Misericordia, e rua de Arrochela.

Dentro desta torre encostada a ella para o Poente e defronte da porta da muralha está a Capella de N. Senhora da Piedade, e tem esta torre a sua porta de serventia para o Sul pela alegre Praça do Toural.

Neste muralha, que corre da torre da Alfandega para a de S. Domingos, se abrio huma porta depois della feita, que chamão a porta nova, e vulgarmente o postigo de S. Payo, por ser serventia do terreiro, em que está situada a Igreja Parochial deste Santo; e para cima desta muralha tem serventia todas as casas da rua da Arrochela. Da porta de S. Domingos caminhando a buscar a porta de Santa-Luzia 345 passos da muralha, a encontrão, fazendo frente para entre o Sul, e Poente.

PELAS CRIANÇAS DAS ESCOLAS

Manifesto público—Associação escolar—Colmeia Agricola

—A convite do Conselho de Assistência Escolar reuniram no dia 9 do corrente, em sessão conjunta, o sr. Inspector primário e professorado das Escolas Centrais, sob a presidência dum membro do aludido Conselho. Pelo sr. A. L. de Carvalho foi apresentado um manifesto sob o titulo «*Carta a um pai*», e que se destinava a propagandear o ensino primário entre nós. Feita a leitura dêste, foi o mesmo devidamente apreciado, determinando-se fazer uma larga e profusa distribuição dêsse documento pela cidade e freguesias rurais.

Dos intuitos dêsse manifesto falam as seguintes circulares, as quais, acompanhadas de alguns exemplares, fôram dirigidas às juntas paroquiais, párocos e associações operárias:

«Ex.mo Sr.—O Conselho de Assistência Escolar de Guimarães envia a V. Ex.ª os manifestos juntos, rogando-lhe com encarecido empenho que os faça distribuir ou afixar nessa freguesia, ajudando dêsse modo esta cruzada patriótica em prol da Escola Primária.»

«Ex.mo Sr.—O Conselho de Assistência Escolar de Guimarães envia a V. Ex.ª um manifesto de propaganda em prol do ensino primário e, certo de que V. Ex.ª plenamente concorda na sua doutrina, ousa pedir-lhe que faça menção dêle à hora da missa conventual, colaborando dessa maneira nesta cruzada de intuitos restritamente patrióticos e nacionais.

Por tam valiosa cooperação aceite V. Ex.ª o nosso reconhecimento muito sincero e afectuoso.»

«Cidadão Presidente—O Conselho de Assistência Escolar de Guimarães, envia-vos alguns exemplares dum manifesto, o qual, como do seu teôr se traduz, destina-se o atrair ao ensino primário aquela numerosa população escolar que tam lamentavelmente anda dêle afastado.

Ajude-nos a associação a que vós dignamente presidis nesta cruzada de alevantados intuitos patrióticos, dispondo para isso não só o ânimo dos vossos companheiros, para que êstes freqüentem os cursos nocturnos ou mandem os seus filhos às escolas oficiais, mas ainda instando com os poderes centrais para que a lei de protecção aos menores tenha fiel execução, obstando assim que sejam acolhidas nas fabricas e oficinas crianças sem que por a escola hajam transitado.»

—Seguidamente foi feita a leitura da redacção definitiva dos estatutos da associação dos alunos das Escolas Centrais «*A Solidária*», os quais fôram plenamente aprovados.

—Pelo mesmo delegado do Conselho foi desenvolvido o pensamento da fundação dum curso prático de horticultura e jardinagem nos amplos jardins das Centrais e que aproveitasse de preferência aos alunos de 3.ª e 4.ª classe. Expôs o que o C. de Assistência havia já feito no sentido da breve efectivação desta iniciativa, lendo a propósito um oficio que ia ser enviado ao ex.mo sr. João Coelho da Mota Prego, distinto engenheiro agrónomo director da 3.ª Secção Agricola instalada nesta cidade.

*

Explica-se às crianças o fim de "A Solidária„ — A Comissão Instaladora efectua a sua primeira sessão

Reunidos no salão principal das Escolas Centrais os alunos de ambos os sexos, conjuntamente com o professorado, inspector escolar e membros do Conselho de Assistência, foi pelo ilustre inspector sr. Manuel Ribeiro de Miranda explicado às creanças o que era e o fim que tinha em vista a associação que se fundava, usando igualmente da palavra para o mesmo fim o membro do Conselho de Assistência sr. A. L. de Carvalho.

Procedeu-se seguidamente à nomeação da seguinte comisssão instaladora: Presidente, A. L. de Carvalho; tesoureiro, D. Luisa Guedes da F. Miranda; 1.º secretário, D. Maria da Conceição Miranda de Barros; 2.º dito, D. Laura de Sousa Machado e Directora do Depósito, D. Aida T. Nunes de Sousa.

Um dos assuntos que logo mereceu os cuidados desta comissão, foi a creação dum depósito de material de estudo, onde os alunos das Centrais possam adquirir por um menor preço, se não gratuitamente, os objectos de que careçam para o ensino. Este importante benefício, *que todo o professorado do concelho pode e deve ajudar*, ficará ainda êste mês estabelecido e regulamentado.

—Os alunos inscritos sócios são já em número considerável, e «*A Solidária*», que generosamente dará *cem* por *um*, ha-de, estamos certos, representar dentro das Centrais um eficaz papel não só de vantagem educativa para os alunos como de progresso e alevantamento pedagógico para a escola.

NOTICIOSA

Comissão Executiva da Câmara — Deliberação

A Comissão Executiva da Câmara Municipal, na sua última sessão ordinária, tomou as seguintes deliberações: — Nomear professora da escola do sexo masculino da freguesia de S. Torcato, a concorrente D. Alzira Alice Antunes; nomear professora interina da escola do sexo feminino da freguesia de S. Martinho de Sande, D. Arminda de Jesus Fernandes Lopes Cabanelas.

Concedeu 30 dias de licença à professora proprietária da cadeira de S. Martinho de Sande, D. Maria Izabel Pereira de Azevedo, e 90 dias à professora D. Arminda da Silva Martins, da escola oficial de Tagilde.

Mandou aplicar a multa em que incorreu Domingos da Silva, da freguesia de Ponte, por motivo de participação dada por Miguel Silva.

Concedeu diferentes licenças de caça.

Aprovou as folhas de salários ás amas dos expostos e desvalidos, e bem assim dos subsídios de lactação, relativos ao 3.º trimestre do corrente ano.

Aprovou o 2.º orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano, resolvendo solicitar uma sessão extraordinária da Câmara para do mesmo tomar conhecimento e dar-lhe a sancção que merecer.

Aprovou o quadro das propostas de avenças, por impostos indirectos, relativo ao 4.º trimestre do corrente ano.

Aprovou e mandou executar, por administração propria, o projecto da obra de construção de terraplanagem de parte do lanço da estrada concelhia N.º 14, de Tagilde a S. Paio de Vizela, compreendido entre os perfís n.os 47 e 69.

Tomou conhecimento dos concorrentes do projecto para o edificio dos paços do concelho e outras repartições.

*

Legados

Em cumprimento do legado instituido pelo rev.º Francisco Luís Fernandes, a Mesa da Ordem de S. Domingos distribui no dia 2 do proximo mês de Novembro, 10 cobertores de lã a igual numero de pobres de ambos os sexos, da freguesia de S. Paio.

Os que se considerem nas condições de serem contemplados, teem de requerer á Mesa juntando ao requerimento atestado de pobresa passado pelo respectivo regedor.

*

Também em cumprimento do legado instituido pelo dr. Paulo de Mesquita Sobrinho, a Mesa da Misericórdia, distribui no dia 31 do corrente a quantia de 16$76, pelas recolhidas das Trinas e creadas.

*

Carteira

Reabriram as aulas na Escola Municipal Nocturna e em todos os colégios da cidade.

*

O individuo a quem se atribui o furto de joias feito ao sr. Manuel António de Almeida, nega insistentemente o crime que lhe imputam, dizendo ser vitima duma vingança.

*

Está aberto o cofre, até 30 do corrente, para o pagamento voluntário das últimas prestações das contribuições predial, industrial e suntuária.

Arrendamento

(1.ª Publicação)

A Comissão Conselhia d'Administração dos Bens Eclesiásticos em Guimarães:

Faz saber que no dia 29 do corrente, ás 12 horas, na administração d'este concelho, são arrendados em hasta publica, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passais das freguesias seguintes:

Caldelas	25$00
Sande (S. Lourenço) . .	35$00

Guimarães, 7 d'Outubro de 1916.

O Presidente da Comissão,

Abel Vasconcelos Cardoso.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioativas*.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artriticas e sifliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma *aula modêlo* com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos dos liceu—no Liceu de Guimarães, *no mesmo edificio*. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para êste curso admitem-se externos.

Intrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspecção médica permanente—Medico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Gimnásio académico—exercícios físicos. Sessões literarias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A milhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronte. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro êste importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.mo corpo clínico
— Aos seus amigos
— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a êste ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.or

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

VAGO

AOS FUMADORES

CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do milhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1$30 cent.
Semestre	$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 "
Número avulso	$03 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.

Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano PUBLICA-SE AOS SÁBADOS Num. 29

Ao Cidadão